

A pantera: dos bestiários ao *Orto do Esposo*

CAMILA SEIXAS E SOUSA

Universidade de Lisboa

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-14-7/inc12a10>

Sumário

Expõe este trabalho uma parte da investigação que se encontra em desenvolvimento, no âmbito do curso de Doutoramento, a propósito da figura da pantera em algumas obras medievais. Centramo-nos no bestiário Bodley 764, do século XIII, e na obra portuguesa *Orto do Esposo*, de finais do século XIV ou de inícios do século XV. De *proprietatibus rerum*, obra de Bartolomeu Ânglico, de cerca de 1240, desempenha a função de mediador de informação entre os bestiários e a obra portuguesa, relação essa que pretendemos aprofundar e clarificar com o desenvolver do nosso trabalho, em particular, com a transcrição e tradução de passagens de uma cópia de *De proprietatibus rerum*, proveniente do Mosteiro de Alcobaça (Alc. 383).

Palavras-chave: Bartolomeu Ânglico; Bestiários; Literatura Medieval; *Orto do Esposo*; Pantera.

Abstract

This paper will present part of my ongoing PhD research concerning the representation of the figure of the panther in selected medieval works. It is centered around a thirteenth-century bestiary and the Portuguese work *Orto do Esposo*, written in the late-fourteenth century or early fifteenth century. Bartholomew the Englishman's work, *De proprietatibus rerum*, written in 1240 AD, works as a mediator between the information present in the bestiaries and that of *Orto do Esposo*. The relationship between the two will be explored and clarified in subsequent work, namely through the transcription and translation of passages from a copy of *De proprietatibus rerum*, from the Alcobaça Monastery (Alc. 383).

Keywords: Chronicles; Bartholomew the Englishman; Bestiaries; Medieval Literature; *Orto do Esposo*; Panther.

1. Tema, problemas e objectivos

No âmbito do curso de Doutoramento em Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desenvolve-se o projecto de investigação que aqui se procura em parte resumir, a que chamamos *A pantera: dos bestiários ao Orto do Esposo*. Dando uma continuidade ao estudo feito no âmbito da dissertação de mestrado em Estudos Comparatistas, com o título *O basilisco: dos bestiários ao Orto do Esposo*¹, em que se procurou fazer uma análise comparativa da figura do basilisco em vários textos canónicos, pretende-se agora alargar esta análise a outras figuras animais, de forma a obter novas conclusões. Tendo como objectivo a análise, ao longo do Doutoramento, da figura da pantera e do leão, o presente trabalho expõe algumas notas sobre a pantera, uma vez que a análise se iniciou com esta figura. Serão estudadas as partes correspondentes à figura (textual e iconográfica) dos animais numa selecção de bestiários ingleses do século XIII, e na obra portuguesa *Orto do Esposo* que, não sendo um bestiário, copia e adapta algumas matérias sobre o comportamento animal provenientes de bestiários. Estas informações sobre os animais terão chegado ao *Orto do Esposo* através de uma obra mediadora: *De proprietatibus rerum*, uma enciclopédia sobre as coisas do mundo, acabada de escrever em 1240 pelo frade franciscano Bartolomeu Ânglico. Desta obra, a Livraria de Alcobaça teve uma cópia, o manuscrito alcobacense 383, que se encontra hoje conservada na Biblioteca Nacional de Portugal². Também esta cópia é um dos objectos do trabalho em desenvolvimento.

Ainda que as duas principais obras do *corpus* do trabalho de tese sejam o *Orto do Esposo* e o *De proprietatibus rerum*, elas estão, como é tão característico dos textos medievais, directamente ligadas a outras – aos bestiários do século XIII, como referido, mas também a obras anteriores. O *Physiologus* (o *Fisiólogo* ou o *Naturalista*), produzido em Alexandria entre os séculos I e III, cujo original nunca terá sido encontrado³, é a obra que está na origem dos bestiários, apresentando as características e os hábitos dos animais, bem como a sua interpretação alegórica. Também a *Naturalis Historiae*, de Plínio, o Velho, do século I, teve uma grande influência em várias obras posteriores, sendo uma delas as *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha, já dos séculos VI-VII. O Livro XII, “De Animalibus”, das *Etimologias* de Isidoro foi de tal forma influente na história dos bestiários que McCulloch, na revisão das famílias de manuscritos do *Physiologus* e

1 Camila Seixas e Sousa, “O basilisco: dos bestiários ao Orto do Esposo” (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2021).

2 Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Alc. 383, fols. 1-320v, <https://purl.pt/33147>.

3 Angélica Varandas, “A Idade Média e o Bestiário”, *Medievalista online*, ano 2, n.º 2, (2006), 41, <https://journals.openedition.org/medievalista/931>

dos bestiários⁴, organizadas por M. R. James (que, em 1928, publica em fac-símile o Bestiário de Cambridge (MS. li.4.26⁵), acrescentando um comentário e agrupando os manuscritos do *Physiologus* e dos bestiários em quatro famílias principais) acrescentou a sub-família B-Is. “Is” remete para Isidoro, uma vez que nestes manuscritos há matérias que são acrescentadas e que provêm das *Etimologias*.

Quanto às dificuldades a ultrapassar, até à data, os problemas respeitam essencialmente ao texto de *De proprietatibus rerum*. A inexistência de uma edição moderna da obra constitui um problema. Entre as traduções do texto, a mais conhecida será a de John Trevisa, feita no século XIV, para inglês. Dessa tradução, existe uma versão revista no século XVI por Stephen Batman, disponível online⁶, de difícil compreensão em algumas partes. Em 1975, a Oxford University Press publica a tradução de Trevisa em três volumes⁷. No entanto, essa tradução é de difícil acesso⁸. Já no século XXI, a editora Brepols publica em vários volumes alguns dos Livros de *De proprietatibus rerum*, com a transcrição do texto latino (o Volume I, de 2007, com a edição dos Livros I a IV; o Volume IV, também em 2007, com o Livro XVII; o Volume III, publicado em 2023, com os Livros VI, VIII e IX). Encontra-se ainda por publicar o Livro XVIII, *De animalibus in generali*, Livro que contém a matéria sobre os animais. A não existência de uma transcrição do texto do Alc. 383, a cópia alcobacense de *De proprietatibus rerum* de inícios do século XIV, constitui simultaneamente uma dificuldade e uma oportunidade: uma dificuldade, uma vez que facilitaria o nosso trabalho ter uma transcrição já feita; uma oportunidade, uma vez que nos permite editar, pela primeira vez, algumas partes deste texto.

Restando ainda por fazer algum estudo sobre o *Orto* e as suas fontes – apesar de o seu primeiro editor, Bertil Maler, ter dedicado o terceiro volume de 1964 à identificação de fontes do *Orto* (os dois primeiros volumes, correspondentes ao texto do *Orto*, são publicados em 1956, e em 1964 é publicado o terceiro volume: *Correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice*

4 Florence McCulloch, “Medieval Latin and French Bestiaries”, *Studies in the romance languages and literatures*, number 33, (North Carolina: The University of North Carolina Press, 1962), 28.

5 M. R. James, *The Bestiary: Being a Reproduction in full of the Manuscript li.4.26 in the University Library, Cambridge*, (Oxford: Roxburghe Club, 1928).

6 *De proprietatibus rerum*. John Trevisa; Stephen Batman, trans. *Early English Books Online Text Creation Partnership*, quod.lib.umich.edu/e/eebo/A05237.0001.001/1:29.16?rgn=div2;view=fulltext.

7 M. C. Seymour (ed.), *On the Properties of Things: John Trevisa’s Translation of Bartholomaeus Anglicus, De Proprietatibus Rerum: A Critical Text*, (Oxford: Oxford University Press, 1975).

8 Até à data, não foi possível consultar esta edição de forma a verificar se inclui a transcrição do texto latino, o que facilitaria o processo de transcrição do texto de Alc. 383.

geral⁹), pretende-se aprofundar a relação entre a obra portuguesa e o manuscrito alcobacense 383. Assim, será feita a transcrição semidiplomática das passagens sobre o leão e a pantera, que serão cotejadas com o próprio *Orto*, comparando com os seus dois manuscritos. A correspondência entre este último e o manuscrito de Alcobaça do *De proprietatibus* permitirá também contribuir para a discussão sobre o perfil do autor do *Orto do Esposo*, avaliando a sua relação com o Mosteiro de Alcobaça, verificando o eventual uso do testemunho alcobacense do *De proprietatibus rerum*. Depois da transcrição semidiplomática, a tradução das passagens seleccionadas será feita.

De forma sumária, integra a lista de objectivos a realização das seguintes tarefas: a análise dos textos relativos ao leão e à pantera, no *Physiologus*; a análise das descrições e iluminuras dos animais escolhidos, numa selecção de bestiários ingleses; a análise das descrições destes animais em *Naturalis Historiae*, de Plínio, o Velho, e nas *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha, além do já mencionado *De proprietatibus*. Todos os textos seleccionados das fontes aqui enumeradas serão comparados com os textos correspondentes no *Orto do Esposo*. Esta comparação irá permitir situar esta última obra na tradição da simbologia animal vinda já da Antiguidade Clássica, possível apenas pela circulação e cópia dos manuscritos nos mosteiros da Idade Média. O que se pretende, de forma simplificada, é perceber como evoluiu a informação relativa à pantera e ao leão, passando pela selecção de obras relevantes na transmissão destas descrições e das suas interpretações simbólicas, e compreender de que forma o autor anónimo do *Orto do Esposo* inclui esta informação na sua obra. Seria ainda relevante fazer uma descrição codicológica do alcobacense 383 para determinar a funcionalidade do códice. No entanto, por imperativos de conservação, a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) não autoriza descrições codicológicas de manuscritos alcobacenses. Assim, será feita uma descrição do códice simplificada, baseada nas imagens digitalizadas, que permitem descrever alguns aspectos do estado de conservação, do suporte, da empaginação, da escrita e da decoração.

2. Cronologia e espaço

Cronologicamente, considerando todas as fontes que serão utilizadas, o trabalho de tese atentará em obras de vários séculos: começando no século I, com Plínio e com o *Physiologus*, e acabando no século XIV ou inícios do século XV, com o *Orto do Esposo*. No entanto, o período mais relevante será o dos séculos XIII a inícios do século XV, uma vez que os bestiários datam do século XIII, o manuscrito 383 de Alcobaça data de

9 Bertil Maler (ed.), *Orto do Esposo*, vol. III. *Correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral*, (Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1964).

inícios do século XIV, e o *Orto* data do século XIV/XV, e são estas as obras que merecem um estudo mais aprofundado, no contexto do trabalho em desenvolvimento. Espacialmente, é de particular interesse o contexto português, mais concretamente o do *scriptorium* de Alcobaça, onde duas das fontes terão sido produzidas: *Orto do Esposo* e Alc. 383. Importa ainda o contexto inglês, uma vez que os bestiários a estudar são de origem inglesa.

3. Enquadramento historiográfico

A proposta de tese parte de várias questões que foram suscitadas, em grande parte, pelos estudos desenvolvidos ao longo dos últimos dois séculos. Assim, será fundamental apresentar este enquadramento teórico em que o trabalho se alicerça, e as edições existentes dos dois textos principais, que são indispensáveis para o desenvolvimento deste trabalho. Quanto ao *Orto do Esposo*, a obra conhece a sua primeira edição crítica em 1956, pela mão do sueco Bertil Maler, em dois volumes, tal como referido anteriormente. O terceiro volume, publicado em 1964, intitulado *Correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral*, é da máxima relevância para o estudo em desenvolvimento, uma vez que é neste volume que Maler sugere a possibilidade de o autor do *Orto* ter recolhido informação a partir da cópia alcobacense do *De proprietatibus*. A segunda edição crítica do *Orto* surge em 2008, feita por Hélder Godinho e Irene Freire Nunes, vindo tornar o texto do *Orto* acessível, uma vez que a edição de Maler se encontrava há muito esgotada no mercado.

Apresenta-se uma selecção de estudos que abordam os nossos termos-chave: animais; bestiários; *De proprietatibus rerum*; *Orto do Esposo*; e que são fundamentais para o desenvolvimento deste projecto. Todos os trabalhos de Mário Martins sobre o *Orto* e sobre os animais na literatura, desde 1948 (ano de publicação do primeiro artigo¹⁰ dedicado ao *Orto* feito pelo P.^e Mário Martins, um dos primeiros estudiosos da obra), são basilares. Destaca-se o artigo “A simbologia mística nos nossos bestiários”, em que o autor questiona: “liam-se os bestiários em Portugal?”¹¹, respondendo “Sem dúvida, pois havia, por exemplo, um, em Santa Cruz de Coimbra, num códice de pergaminho.”¹², referindo-se provavelmente ao *Livro das Aves*, que consta do Catálogo

10 Mário Martins, “À volta do «Horto do Esposo»”, *Estudos de Literatura Medieval*, (Braga: Livraria Cruz, [1948] 1956), 423-434.

11 Mário Martins, “A simbologia mística nos nossos bestiários”, *Estudos de Literatura Medieval*, (Braga, Livraria Cruz, 1956), 382.

12 *Idem*, 382.

de Santa Cruz de Coimbra¹³. Em 1968, Frederick Williams publica um “Breve Estudo do *Orto do Esposo* com um índice analítico dos «exemplos»”, em que sistematiza e classifica cada *exemplum* apresentado no *Orto* (distribuindo os *exempla* por categorias: hagiografia, lenda, fábula, por exemplo), e resume o conteúdo de cada um, mencionando, quando possível, a fonte de onde o *exemplum* provirá. No ano seguinte, Alan Deyermond publica uma revisão à edição de Maler, mas é o seu artigo de 2006 o mais relevante e um dos principais impulsionadores do trabalho que temos desenvolvido: “The role of animals in the *Orto* has not received much attention, and the present article is intended to remedy that omission”¹⁴, escreve. Depois de compreendermos de que forma é abordada a presença animal no *Orto* em estudos posteriores, importa-nos perceber de que modo é transformada a narrativa dos bestiários, passando pelo *De proprietatibus*, para se enquadrar dentro dos propósitos da obra portuguesa: ensinar, moralizar, guiar. Deyermond recorre a Maler para identificar o *De proprietatibus* como uma das fontes, acrescentando: “(...) the *Orto*’s account derives ultimately from the bestiary (...) even though this is mediated through *De proprietatibus rerum*.”¹⁵. Antevemos que, chegando a esta fase do trabalho com a edição semidiplomática e a tradução dos textos já feita, o estabelecer de relações entre o *Orto*, os bestiários e o *De proprietatibus* se afigure mais claro e que nos possibilite hipóteses e/ou conclusões significativas. Do trabalho desenvolvido pela Professora Ana Paiva Morais, destaca-se o artigo “L’Animal comme exemple dans le *Horto do Esposo*: de l’exemplum à l’insertion exemplaire”¹⁶, em que a Professora analisa as modalidades da exemplaridade animal no *Orto*, destacando o *De proprietatibus* como principal fonte das matérias sobre animais a que o autor do *Orto* recorreu¹⁷. Da autoria da Professora Margarida Madureira, são vários os trabalhos dedicados ao *Orto* desde 1997¹⁸. Destaca-se o artigo “Letra e sentido: A «Retórica» Divina no *Orto do Esposo*”, publicado em 1999¹⁹, em que a Professora aborda a questão do nome, do signo, das

13 Aires Augusto Nascimento, José Francisco Meirinhos, *Catálogo dos códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca pública municipal do Porto*, (Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997), 34.

14 Alan Deyermond, “The Bestiary Tradition in the *Orto do Esposo*”, *Medieval and Renaissance Spain and Portugal. Studies in honour of Arthur L.-F. Askins*, (Tamesis: MPG Books, 2006), 93.

15 *Idem*, 94.

16 Ana Paiva Morais, “L’Animal comme exemple dans le *Horto do Esposo*: de l’exemplum à l’insertion exemplaire”, *Actes du Colloque Typologie des Formes Narratives Brèves au Moyen Age*, dir. Bernard Darbord (Nanterre: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010), 85-98.

17 Cf. *Ibidem*, 87.

18 Ano de publicação do artigo “Género e significação segundo o *Orto do Esposo*”, no livro *O Género do Texto Medieval*, coordenado por Margarida Madureira e Cristina Almeida Ribeiro (Lisboa: Edições Cosmos), 249-255.

19 *Actes del VII Congrès de l’Associació Hispànica de Literatura Medieval*, vol. 2, (Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I), 375-83.

várias abordagens ao problema da linguagem humana ser inapta para nomear as coisas de Deus. Pedro Chambel, em “As alegorias animais do corpo no *Horto do Esposo*”²⁰, demonstra a importância das figuras animais para o autor do *Orto*, que as usa para estabelecer analogias com a vida humana. O volume *Animalia. Presença e Representações*, coordenado por Miguel Alarcão, Luís Krus e Maria Adelaide Miranda, publicado em 2002, reúne artigos “em torno de uma problemática ainda pouco abordada e desenvolvida no panorama actual dos estudos medievais portugueses”²¹, isto é, a relação entre humanos e animais na Idade Média, e a representação dessa interacção. De destacar todas as publicações de Cristina Sobral sobre o *Orto*, em particular a atenta leitura à última edição da obra portuguesa²², ou um dos seus mais recentes artigos, “Exemplo de vida: um Édipo cristão no *Orto do Esposo*”²³, que demonstra, entre outros aspectos, a estreita relação entre os textos da Antiguidade e os textos medievais.

Quanto ao tema dos bestiários, os trabalhos de organização dos manuscritos em famílias, feito por M. R. James em 1928, e revisto por Florence McCulloch em 1962, a que se fez referência no primeiro ponto deste artigo, são basilares. Importante ponto de partida é também a obra de Charbonneau-Lassay, *Le Bestiaire du Christ*²⁴, reunindo um conjunto de *bestiae* que atravessam os tempos da Antiguidade e da Idade Média enquanto símbolos de Cristo — tanto a pantera como o leão integram este conjunto. O volume *Beasts and Birds of the Middle Ages. The Bestiary and Its Legacy*, editado por Willene B. Clark e Meredith T. McMunn²⁵, reúne um conjunto de artigos sobre bestiários e a simbologia animal presente em vários textos, fazendo um ponto de situação do estado do campo em 1989. Também fundamental é o estudo de Ron Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*²⁶, publicado em 1998. Partindo do *Physiologus*, Baxter analisa a estrutura e os conteúdos dos bestiários latinos, apresentando um importante contexto espacial e temporal da produção e do consumo deste género

20 Pedro Chambel, “As alegorias animais do corpo no *Horto do Esposo*”, *O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval*, (Lisboa: Edições Colibri, 2005), 329-337.

21 Miguel Alarcão; Luís Krus; Maria Adelaide Miranda (coords.), *Animalia. Presença e Representações*, (Lisboa: Edições Colibri, 2002), 7.

22 Cristina Sobral, revisão a *Horto do Esposo*, edição de Irene Freire Nunes e coordenação de Helder Godinho. (*Colóquio Letras*, 19 Set. 2008).

23 Cristina Sobral, “Exemplo de vida: um Édipo cristão no *Orto do Esposo*”, *Forma de Vida* 22 (2021): <https://formadevida.org/csobralfdv22>.

24 L. Charbonneau-Lassay, *El Bestiario de Cristo – El simbolismo animal en la Antigüedad y la Edad Media*. Francesc Gutiérrez (trad.), Volumen I, (Palma de Maiorca: Sophia Perennis, [1940] 1997).

25 Willene B Clark; Meredith T McMunn, *Beasts and Birds of the Middle Ages. The Bestiary and Its Legacy*, (Philadelphia: University Of Pennsylvania Press, 1989).

26 Ronald Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages*, (Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd., 1998).

medieval. Dos vários contributos de Debra Hassig destaca-se o volume *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*²⁷, publicado em 1995, em que é feita uma análise comparativa das imagens e dos textos que as acompanham, através de uma abordagem semiótica, numa amostra de vinte e oito manuscritos ingleses. Este volume inclui um capítulo sobre a pantera, “The true panther”, que aborda as diferentes versões do texto sobre este animal, desde a “versão Clássica” – de autores como Plínio ou Aristóteles, à versão dos bestiários – a da “Verdadeira Pantera”, que é Cristo, tal como aparece escrito nos bestiários: “dominus noster Iesus Christus verus pantera”²⁸ (Nosso Senhor Jesus Cristo, a verdadeira pantera). Fundamental é todo o trabalho de Angélica Varandas sobre o tema do bestiário, em particular o artigo “A Idade Média e o Bestiário”²⁹, que, ao situar o bestiário no contexto de produção monástica, permite entender as diversas ramificações deste “texto híbrido”³⁰ que é o Livro das Bestas. É inteiramente dedicado ao tema do Bestiário o número 29 da revista *Medievalista*³¹, publicado em 2021. Este *dossier* monográfico sobre “O Bestiário Medieval” destaca o artigo de Rémy Cordonnier, “Le Bestiarium et la renaissance du 12e siècle”³², que propõe e explicita a ligação entre o modo de pensar, *lato sensu*, do século XII, e da representação da natureza e das Criaturas. De mencionar ainda o artigo “Producing the Bestiary”³³, da autoria de Ilya Dines, em que a relação entre texto e imagem nos bestiários é explorada, não só nos casos em que a iluminura ilustra algum dos aspectos mencionados no texto, mas também nos casos (pouco frequentes) em que a imagem e o texto diferem em alguns pormenores. O volume *Bestiaires médiévaux. Nouvelles perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles*, editado por Baudouin Van den Abeele e publicado em 2005, conta com um artigo do editor, “Quinze années de

27 Debra Hassig, *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*, (New York: Cambridge University Press, 1995).

28 *Bestiário de Aberdeen* (Aberdeen University Library, MS 24), fl. 9r, University of Aberdeen (séc. XIII). abdn.ac.uk/bestiary/.

29 Angélica Varandas, “A Idade Média e o Bestiário”, *Medievalista online*, ano 2, n.º 2, (2006), 1-53, <https://journals.openedition.org/medievalista/931>

30 *Idem*, 22.

31 Adelaide Miranda e Pedro Chambel, «Apresentação», *Medievalista* [Online], 29, (2021), <http://journals.openedition.org/medievalista/3847>

32 Rémy Cordonnier, “Le Bestiarium et la renaissance du 12e siècle”, *Medievalista* [Online], 29, (2021), <https://doi.org/10.4000/medievalista.3856>

33 Ilya Dines, “Producing the Bestiary”, *Medievalista* [Online], 29, (2021), <https://doi.org/10.4000/medievalista.3867>

bibliographie sur les bestiaires médiévaux”³⁴, apresentando uma lista de referências bibliográficas fundamentais para o investigador deste género medieval.

Sob a forma de dissertação de mestrado e de tese de doutoramento, são alguns os trabalhos dedicados ao tema da simbologia animal, ao *Orto do Esposo* e aos bestiários. De destacar as dissertações de mestrado de Paula de Jesus Baptista, “A simbologia do Paraíso no *Orto do Esposo*”³⁵, e a de Paulo Cardoso Pereira, “O *Orto do Esposo* e a Construção da Autoridade no *Exemplum Medieval*”³⁶, ambas de 1996. Mais recente, de 2013, a tese de doutoramento de Marisa das Neves Henriques, “A caminho de uma espiritualidade laica: Ciência, Filosofia e Teologia no *Orto do Esposo* (tensões histórico-filosóficas e semânticas)”³⁷, onde se lê: “Não admira que, pela sua riqueza temática a nível alegórico e simbólico, vários estudiosos tenham analisado o impacto dos bestiários medievais na construção discursiva do OE (...)”³⁸, estando aqui evidenciada a relação entre os textos. Também de 2013, a dissertação de mestrado de Marcelo Cardoso Amato, sobre “Os simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses”³⁹, aborda directamente a questão da pantera nos bestiários, a propósito dos animais com chifres que surgem, regra geral, associados à pantera nas iluminuras.

Sobre Bartolomeu Ânglico e o *De proprietatibus rerum*, destaca-se o artigo de 1920, “Bartholomaeus Anglicus and His Encyclopaedia”, de Boyar. Importante estado da arte do início do século XX, este artigo contribui ainda, entre outros assuntos, com a explicação do erro iniciado no século XVI⁴⁰: confundir Bartholomaeus Anglicus com Bartholomaeus de Glanville, também frade franciscano, mas do século XIV. Em “The Concept of Nature in Bartholomaeus Anglicus”⁴¹, artigo de 1980, D. C. Greetham

34 Baudouin Van den Abeele, “Quinze années de bibliographie sur les bestiaires médiévaux”, *Bestiaires médiévaux. Nouvelles perspectives sur les manuscrits et les traditions textuelles*, (Louvain-la-Neuve: Institut d’études médiévales, 2005), 265-282.

35 Paula de Jesus Baptista, “A simbologia do Paraíso no *Orto do Esposo*” (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1996).

36 Paulo Alexandre Cardoso Pereira, “O *Orto do Esposo* e a Construção da Autoridade no *Exemplum Medieval*”, (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1996).

37 Marisa das Neves Henriques, “A caminho de uma espiritualidade laica: Ciência, Filosofia e Teologia no *Orto do Esposo* (tensões histórico-filosóficas e semânticas)”, (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013).

38 *Idem*, 7.

39 Marcelo Cardoso Amato, *Os simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018).

40 Cf. Gerald. E. Se Boyar, “Bartholomaeus Anglicus and His Encyclopaedia”, *The Journal of English and Germanic Philology* 19, no. 2 (1920), 169, <http://www.jstor.org/stable/27700997>.

41 D. C. Greetham, “The Concept of Nature in Bartholomaeus Anglicus (FL. 1230)”, *Journal of the History of Ideas* 41 (4): 663, (1980), <https://doi.org/10.2307/2709279>

percorre alguns dos capítulos do *De proprietatibus*, “from God down to rocks”⁴², ligando a noção de natureza ali expressa à já estabelecida por *auctoritates* como Plínio ou Isidoro, não deixando de realçar os pontos em que a obra de Bartolomeu parece afastar-se destas⁴³. Dos vários artigos publicados sobre as traduções da obra, é de particular interesse o de Herrero⁴⁴, que apresenta duas breves descrições sobre as versões castelhanas: uma tradução de Frei Vicente de Burgos, e uma tradução anónima, com alguns fólios em falta⁴⁵. De mencionar, novamente, o nome de Baudouin Van den Abeele, em particular a sua introdução ao Volume I da edição do texto latino de *De proprietatibus*⁴⁶, abordando vários tópicos importantes: a informação sobre a vida e obra do autor; a contextualização do texto no campo das enciclopédias medievais; a referência a algumas das traduções e das edições antigas da obra (as consideradas de maior importância); a apresentação de um breve estudo sobre a tradição manuscrita latina da obra e a sua circulação, terminando com a explicação dos critérios de selecção de manuscritos para a edição latina em questão. Do mesmo ano, a publicação de Elizabeth Keen, *The Journey of a Book. Bartholomew the Englishman and the Properties of Things*⁴⁷, sobre a circulação da obra, através das traduções e cópias consideradas mais relevantes, mas também sobre alguns aspectos da vida do autor e do contexto em que viveu e escreveu a obra, por exemplo. O volume publicado em 2014, *Encyclopédie médiévale et langues européennes. Réception et diffusion du “De proprietatibus rerum” de Barthélemy l’Anglais dans les langues vernaculaires*⁴⁸, incluindo estudos sobre a tradução francesa de Jean Corbechon, sobre a tradução da obra para línguas europeias como espanhol ou italiano, ou sobre a recepção destas traduções, por exemplo, faz desta colectânea parte da nossa bibliografia fundamental.

42 *Ibidem*, 665.

43 *Ibidem*, 673.

44 María Nieves Sánchez González de Herrero, “*De Proprietatibus Rerum*”, *Cahiers de recherches médiévales* 16 (2008), 349-366.

45 *Ibidem*, 351.

46 B. van den Abeele, “Introduction générale”, in *De proprietatibus rerum*, ed. H. Meyer, M.W. Twomey, B. Roling, R. J. Long, B. van den Abeele, *Volume I: Introduction générale, Prohemium, et Libri I-IV* (Turnhout: Brepols, 2007), 3-34.

47 Elizabeth Keen, *The Journey of a Book. Bartholomew the Englishman and the Properties of Things*, (Australia, ANU E Press, 2007).

48 Joëlle Ducos, *Encyclopédie médiévale et langues européennes. Réception et diffusion du “De proprietatibus rerum” de Barthélemy l’Anglais dans les langues vernaculaires. Textes réunis et édités par Joëlle Ducos*, (Paris: Honoré Champion, 2014).

4. Fontes

A obra portuguesa *Orto do Esposo*, escrita entre 1383 e 1417, é uma obra de autor anónimo, um monge, que escreve a pedido de uma sua irmã “e companheira da casa divinal e humanal”⁴⁹, uma monja, “uũ livro dos fectos antigos e das façanhas dos nobres barões e das cousas maravilhosas do mundo e das propiedades das animalias”⁵⁰. Desta obra conhecemos hoje cinco testemunhos, dos quais apenas dois são integrais⁵¹. Os testemunhos integrais são os manuscritos alcobacenses CCLXXIII/198, fólhos 1r-155r (BITAGAP cnum 1486), manuscrito A, e CCLXXIV/212, fólhos 81r-251v (BITAGAP cnum 1481), manuscrito B⁵². Tanto a edição de Maler, de 1956, como a edição de Hélder Godinho e Irene Freire Nunes, de 2008, se baseiam nos manuscritos A e B. Os manuscritos C, D e E são os fragmentários BITAGAP cnum 19618, cnum 19616 e cnum 19211. O testemunho D (BITAGAP cnum 19616) resulta da transferência de tinta de uma tira de pergaminho usada como reforço de encadernação de um livro notarial do séc. XVI e pode ler-se hoje apesar de o fragmento ter desaparecido.

Quanto à obra de Bartolomeu Ânglico, *De proprietatibus rerum*, abordou-se já no primeiro ponto, a propósito de dificuldades a ultrapassar, a falta de uma edição moderna do texto. Assim, será feita a transcrição semidiplomática e posterior tradução das secções pertinentes do Alc. 383, as quais integram o Livro XVIII da obra. A tradução será confrontada com a tradução inglesa de Trevisa. *De proprietatibus rerum*, é uma enciclopédia sobre as coisas do mundo, dividida em dezanove Livros (ou capítulos). Surge temporalmente próxima de outras grandes obras de carácter enciclopédico, como *Speculum Maius*, de Vincent de Beauvais (século XIII), ou *De naturis rerum*, de Alexander Neckam (séculos XII – XIII), e foi bastante divulgada no mundo medieval. Herdeira da filosofia neoplatónica, foi extremamente influenciada por uma obra em particular, que integra o conjunto de fontes secundárias que estudaremos: as *Etimologias*, de Isidoro de Sevilha (séculos VI-VII). Este compêndio sobre as matérias do mundo, dividido em vinte Livros, trata de assuntos como a medicina (Liber IV: *De Medicina*), o divino e as matérias celestes (Liber VII: *De Deo, angelis et sanctis*), ou os animais (Liber XII: *De animalibus*). Estes temas estarão presentes em muitas outras enciclopédias medievais, incluindo na de Bartolomeu. Os objectivos da obra de Bartolomeu podem resumir-se aos seguintes: transmitir a Palavra e os

49 Hélder Godinho (coord.), Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo* (Lisboa: Colibri, 2008), 4.

50 *Ibidem*.

51 Cf. Arthur L-F. Askins (dir.), *BITAGAP* (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses), The Bancroft Library, (Berkeley: University of California, 1997).

52 Ambos se encontram digitalizados e podem ser consultados na BNDigital: <https://purl.pt/24118> e <https://purl.pt/24119>

ensinamentos divinos; a disciplina e a obediência às ordens superiores; a adoração da natureza⁵³ como forma de adoração do divino. Os dezanove Livros de *De proprietatibus* estão ordenados do imaterial para o material: os Livros I a III tratam de Deus, dos anjos e da alma (sendo o primeiro dedicado a Deus, tal como os Bestiários, por exemplo, iniciam os seus fólhos com a imagem do Criador), e os Livros seguintes tratam do corpo humano às coisas do mundo. A partir do Livro VIII, o domínio do macrocosmos é ordenado com base nos quatro elementos⁵⁴: fogo (*Liber X: De materia et forma*); ar (*Liber XI: De aere, Liber XII: De auibus*); água (*Liber XIII: De aqua*); terra (*Liber XIV: De terra*), incluindo neste último elemento os quatro livros seguintes, que tratam não só das regiões do globo, como das pedras, plantas e animais terrestres.

O Bestiário MS. Bodley 764 encontra-se digitalizado e disponível na *Bodleian Library*⁵⁵, havendo ainda uma tradução do texto feita por Richard Barber, publicada em 1992⁵⁶. Obra composta por volta de 1240-60⁵⁷, é considerada, a par de outros bestiários (como o de Aberdeen – MS. 24, ou o Harley 4751, seu manuscrito-irmão), uma das obras-primas da iluminura feita em Inglaterra⁵⁸. Este bestiário destaca-se ainda por outro motivo: dos vinte e um bestiários ingleses considerados por Baxter em “Table 18. Localized English Bestiaries”⁵⁹, é o único que não foi associado a uma ordem religiosa, mas a uso secular. O que sustenta esta inferência é a presença de vários brasões⁶⁰ no fólho 12r, com o brasão de Roger de Monhaut em destaque⁶¹. Da obra de Plínio, *Naturalis Historiae*, é utilizada a versão do texto latino disponibilizada na *Perseus Digital*

53 Elizabeth Keen, *The Journey of a Book. Bartholomew the Englishman and the Properties of Things*, (Australia, ANU E Press, 2007), 32.

54 B. van den Abeele, “Introduction générale”, in *De proprietatibus rerum*, ed. H. Meyer, M.W. Twomey, B. Roling, R. J. Long, B. van den Abeele, *Volume I: Introduction générale, Prohemium, et Libri I-IV* (Turnhout: Brepols, 2007), 5.

55 *Bodleian Library MS. Bodl. 764*, Digital Bodleian, <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/e6ad6426-6ff5-4c33-a078-ca518b36ca49/surfaces/6fde525f-c745-4969-b203-1710bdfef761/>

56 Richard Barber, *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764*, (Woodbridge: The Boydell Press, 1992).

57 Esta estimativa é apresentada por Baxter em “Dating of surviving bestiaries”, “(Table 17)”, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages* (Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd., 1998), 147-148.

58 Angélica Varandas, “A Idade Média e o Bestiário”, *Medievalista online*, ano 2, n.º 2, (2006), 1-53, <http://journals.openedition.org/medievalista/931>

59 Ronald Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages* (Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd., 1998), 150-151.

60 Para um desenvolvimento mais aprofundado da questão, consultar: Ronald Baxter, “A Baronial Bestiary: Heraldic Evidence for the Patronage of MS Bodley 764.” *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 50 (1987): 196–200.

61 Ronald Baxter, *Bestiaries and their Users in the Middle Ages* (Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd., 1998), 160.

Library, de 1906⁶². Particularmente relevante no âmbito deste trabalho é o Livro VIII, sobre os animais terrestres: os elefantes, as panteras, os leões, as serpentes ou os cães, por exemplo. Do *Physiologus*, consulta-se a tradução de Michael J. Curley⁶³, baseada nas edições do texto latino feitas por Francis Carmody⁶⁴, de forma a colmatar a falta de acesso a estas últimas, até à data. Das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha é consultada a edição do texto latino publicada em 1911 pela Oxford University Press⁶⁵. Como já mencionado no primeiro ponto, são consideradas passagens do Livro XII, “De Animalibvs”. Os passos sobre o leão e a pantera integram o ponto II – *De bestiis*, onde se incluem os animais que demonstram a sua agressividade com as garras ou com a boca⁶⁶. Da obra aristotélica comumente conhecida como *História dos Animais*⁶⁷, é consultada a tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva, publicada em cinco tomos, entre 2006 e 2021. As referências directas à pantera, em particular (na edição em causa traduzida como “leopardo”, *πάρδαλις*, “párdalis”), encontram-se essencialmente no Livro VIII, Livro esse que integra a terceira e última parte da divisão temática enunciada por Sousa e Silva, na introdução geral da obra: “(...) mesmo se se lhe reconhecer quebras ou desajustes, não se pode negar a existência de um plano estruturante, que comporta, no essencial, três grandes componentes: uma anatomia comparativa dos animais (I-IV), a variedade do processo reprodutivo (V-VII) e os hábitos e tipos de vida das diferentes espécies (VIII-IX).”⁶⁸. É nesta compilação de descrições dos hábitos e condições de vida dos vários animais que se menciona, entre outros detalhes, que o leopardo “(...) quando percebe que os outros animais selvagens lhe apreciam o cheiro, se esconde para os caçar”⁶⁹, sendo esta informação

62 Pliny the Elder, *Naturalis Historia*, Karl Friedrich Theodor Mayhoff (ed), (Lipsiae: Teubner, 1906), <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0138>

63 Michael J. Curley, *Physiologus – A Medieval Book of Nature Lore*, (Chicago: University of Chicago Press, 1979).

64 *Physiologus Latinus. Éditions préliminaires, versio B*, ed. Francis Carmody (Paris: Librairie E. Droz, 1939); Francis Carmody, “Physiologus Latinus, versio Y,” *The University of California Publications in Classical Philology*, no. 12 (1941), 95-134.

65 Isidori Hispalensis Episcopi, W. M. Lindsay (ed.), *Etymologiarum*, Tomvs I, Lib. XII.

66 *Ibidem*.

67 Pode ler-se numa nota introdutória da tradução citada: “(...) o título original do tratado – *Ton perita zoa historion* – melhor equivaleria a uma tradução de *Investigação sobre os Animais* do que àquele que o consagrou de *História dos Animais*, que disfarça a referência fundamental a um processo de pesquisa que lhe está subjacente.” Maria de Fátima Sousa e Silva, “Introdução”, *História dos Animais*, Livros I-VI, Volume IV, Tomo I (Lisboa: INCM – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006), 14.

68 Maria de Fátima Sousa e Silva, “Introdução”, *História dos Animais*, Livros I-VI, Volume IV, Tomo I (Lisboa: INCM – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006), 38.

69 Aristóteles, *História dos Animais*. Maria de Fátima Sousa e Silva (trad.), Livros I-VI, Volume IV, Tomo I, (Lisboa: INCM – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006), Livro VIII, 612a.

posteriormente copiada por autores como Plínio, e adaptada, como veremos, nas obras medievais.

5. Metodologia

Num primeiro momento, foram reunidas todas as passagens sobre a pantera e o leão nas diversas fontes: *Physiologus*; *Naturalis Historiae*, de Plínio; *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha; bestiários ingleses seleccionados; *Orto do Esposo*; e *De proprietatibus rerum*, de Bartolomeu Ânglico. No caso de bestiários, as iluminuras foram igualmente reunidas. Paralelamente, os conhecimentos de paleografia e latim foram aprofundados. Já num segundo momento, inicia-se a transcrição semidiplomática dos textos correspondentes no manuscrito 383 de Alcobaça e, num terceiro momento, inicia-se a sua tradução para português. Por fim, todos os textos e as iluminuras seleccionados serão comparados, procurando estabelecer relações de continuidade e de ruptura entre as temáticas abordadas. Esta comparação permitirá situar o *Orto* na tradição da simbologia animal, e perceber de que forma se aproxima e/ou se afasta dessa mesma tradição.

6. Estrutura provisória do trabalho final

1. Abordagem introdutória

- 1.1. Primeiras notas
- 1.2. Estado da Arte
- 1.3. Explicação metodológica

2. Os textos

- 2.1. *De proprietatibus rerum*: contextualização histórica e notas introdutórias
 - a) O manuscrito Alcobacense 383
 - b) Caracterização material do códice
 - c) Transcrição e tradução das passagens sobre a pantera e o leão
- 2.2. O *Orto do Esposo*: contextualização histórica e notas introdutórias
 - a) Dos bestiários ao *Orto do Esposo*

3. Estudo comparativo: simbologias da pantera e do leão

- 3.1. O saber enciclopédico e o saber moralizante
- 3.2. Vectores de análise comparativa

4. Reflexão conclusiva

5. Referências bibliográficas

7. Conclusões provisórias

No que respeita ao manuscrito Alc. 383, as informações de que dispomos sobre a apreciação paleográfica desta cópia são as seguintes:

- a) a letra é gótica de meados do século XIV, segundo o Inventário dos Códices Alcobacenses⁷⁰;
- b) o catálogo *The Fundo Alcobaca of the Biblioteca Nacional*⁷¹ classifica a letra como “14c littera gothica rotunda media”, isto é, letra gótica redonda média do século XIV.

Partindo destas informações, o objectivo será precisar com mais detalhe, se possível, a data do manuscrito. A primeira etapa será perceber em que país foi o códice feito, começando por tentar associar o tipo de letra usada a uma região, com base no sistema de Liefstinck-Derolez⁷². As primeiras conclusões levam-nos a crer que o tipo de letra poderá ser gótica híbrida, estando a continuação desta parte da investigação em desenvolvimento.

Será também importante averiguar a presença do *De proprietatibus* em inventários de livrarias desaparecidas. Na procura de mais informações sobre o Alc. 383 no *Inventário dos Códices Iluminados até 1500*, apesar de a informação encontrada não ser diferente da já obtida noutros inventários, foi surpreendente encontrar uma outra cópia do *De proprietatibus rerum*, que, por razões não explicadas, não é mencionada nos estudos que foram até agora consultados. Trata-se do Manuscrito da Livraria 951, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, do século XIV. Este manuscrito foi já consultado presencialmente e, dessa primeira breve consulta, podemos destacar os seguintes pontos: o tipo de letra é bastante semelhante ao do Alc. 383, assim como a decoração filigranada e a utilização de cores (vermelho e azul); a ordenação dos Livros não corresponde exactamente à do Alc. 383 – o Livro XVII, em vez de ser o *De herbis et arboribus*, corresponde, no manuscrito 951, ao *De animalibus*, por exemplo; o texto sobre a pantera não parece, numa primeira leitura superficial, diferir do texto do Alc. 383. Estes pontos precisarão de ser desenvolvidos com maior rigor, e a colação entre o manuscrito 951 e o alcobacense, nos passos sobre os dois animais, impõe-se. Há ainda por realizar, além da transcrição do texto, a seguinte tarefa: partindo da

70 *Inventário dos Códices Alcobacenses*, Tomo V, (Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1932).

71 Thomas L. Amos, *The Fundo Alcobaca of the Biblioteca Nacional*. (Lisbon, 1990).

72 Albert Derolez, *The palaeography of Gothic manuscript books: from the twelfth to the early sixteenth century*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2003).

edição do texto latino⁷³, é necessário fazer a colação, nos dois códices, de três amostras de texto de três zonas diferentes, comparando as variantes, de forma a perceber se o manuscrito alcobacense segue alguma dessas variantes. Esta comparação por amostra é uma estratégia necessária pelo facto de não estar disponível a edição crítica do livro sobre os animais. Assim, pretende-se apurar qual a relação de parentesco do manuscrito alcobacense com famílias europeias usando amostras de outros livros, extrapolando depois as conclusões obtidas para o livro XVIII.

Apresenta-se seguidamente algumas notas introdutórias sobre a pantera, procurando demonstrar aquilo que, até à data, foi possível investigar. São comentadas algumas passagens das secções sobre a pantera em algumas das obras já mencionadas, e são propostos caminhos a desenvolver no trabalho futuro. Mencionou-se já no terceiro ponto, a propósito do enquadramento historiográfico, o capítulo “The true panther”⁷⁴, sobre o texto e as iluminuras da pantera numa selecção de bestiários. Neste capítulo, Hassig aborda o facto de a pantera nos textos da Antiguidade diferir da que nos é apresentada pela narrativa dos bestiários: “Aelian, Pliny, Solinus, and others uniformly report that the panther is a ferocious beast whose countenance is so ugly and terrible that he must hide it to avoid frightening other animals. Therefore, upon emitting his sweet fragrance, he crouches behind the bushes.”⁷⁵. Para os autores Clássicos, a pantera tem um rosto assustador que deve esconder, conseguindo atrair todos os animais quadrúpedes com o seu odor⁷⁶ para depois os caçar. Desta caracterização, a pantera medieval herda apenas alguns aspectos, como o acto de se esconder e de produzir um odor doce. Nas palavras de Hassig, “a considerable rewrite of the panther narrative was required to make this beast a believable symbol of Christ (...)”⁷⁷, e é como figura amistosa que Isidoro, por exemplo, no-la apresenta: “Panther dictus, siue quod omnium animalium sit amicus, excepto dracone”⁷⁸, isto é, chama-se pantera porque de todos os animais é amiga, excepto do dragão. O *De proprietatibus rerum* inicia a secção sobre a pantera de modo semelhante, parafraseando as *Etimologias*: “Pantera, como diz Isidoro, Livro XII, assim é chamada porque de todos os animais é

73 Bartholomaeus Anglicus, *De proprietatibus rerum*, H. Meyer, M.W. Twomey, B. Roling, R. J. Long, B. van den Abeele (eds.), Volume I: *Introduction générale, Prohemium, et Libri I-IV*, (Turnhout: Brepols, 2007).

74 Debra Hassig, “The true panther”, *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), 156-166.

75 *Idem*, 157.

76 Cf. Pliny the Elder, *Naturalis Historia*, Karl Friedrich Theodor Mayhoff (ed), (Lipsiae: Teubner, 1906), VIII, 23, <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0138>

77 Debra Hassig, “The true panther”, *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), 157.

78 Isidori Hispalensis Episcopi, W. M. Lindsay (ed.), *Etymologiarvm*, Tomvs I, Lib. XII, i, ii.

amiga, excepto do dragão, que a odeia vigorosamente.”⁷⁹ A oposição da pantera ao dragão será algo a ter presente ao longo da nossa análise futura, uma vez que, como vimos já no terceiro ponto do presente artigo, a pantera nos bestiários é símbolo de Cristo, e o dragão, ou a serpente, é símbolo do diabo. Os dois animais encontram-se, tanto no texto como nas iluminuras dos bestiários, frequentemente em desarmonia. A iluminura da pantera no bestiário Bodley 764⁸⁰ não é excepção neste aspecto: a pantera, o animal com maior diversidade de cores e maior tamanho, ocupando a quase totalidade do espaço da iluminura, contrasta com o dragão, serpente diminuída no canto inferior direito, com a sua cauda enrolada – este último aspecto parece provir da imagética medieval inglesa associada ao dragão do Apocalipse⁸¹ –, que se esconde debaixo da terra, com pavor. Também discordante é o dragão em relação aos restantes animais: oito bestas agrupam-se para adorar e seguir o odor que a pantera produz, enquanto o dragão procura ocultar-se. Para McCulloch, são os animais envolventes que permitem identificar as imagens da pantera: “The miniatures of the panther are always recognizable, not because of the appearance of the principal animal, which varies from that of a dog to a horse, but because of the variety of animals clustered about it, and the serpent’s tail disappearing into a hole.”⁸². Ainda que o aspecto da pantera varie, a presença de um ou, frequentemente, várias das características que se têm descrito permite identificar a representação do animal: variedade de cores presente no corpo, sob a forma de manchas, pintas e/ou riscas; boca do animal aberta, por vezes com o hálito representado através de traços que saem desta, ou como um raio de luz; animais, geralmente quadrúpedes, que se agrupam perto da pantera; o dragão, geralmente serpente alada, que se esconde num buraco. Quanto a este último aspecto, o bestiário do manuscrito 10 B 25, hoje conservado em Haia, no Museu Meermanno, apresenta uma curiosa excepção⁸³: o dragão não só não se esconde como se rende à pantera, assim como qualquer outro dos animais presentes nesta iluminura – todos, sem excepção, estão fixados na figura colorida. Seria interessante, em trabalho

79 “Pantera ut dicit Isidorus lib[ro] XII. Sic est dictus / siue quia omnium animaliu[m] est amicus excepto dracone quem ualde odit.” - Uma vez que a edição semidiplomática e a tradução das secções sobre o leão e a pantera do alcobacense 383 não estão concluídas, recorreremos ao texto latino de um incunábulo de 1482. A sua digitalização encontra-se disponível em: archive.org/details/101555734.nlm.nih.gov/page/n447/mode/1up

80 Ver Figura 1.

81 Debra Hassig, *Medieval Bestiaries: Text, Image, Ideology*, (New York: Cambridge University Press, 1995), 246.

82 Cf. Florence McCulloch, “Medieval Latin and French Bestiaries”, *Studies in the romance languages and literatures*, number 33, (North Carolina: The University of North Carolina Press, 1962), 150.

83 Ver Figura 2.

futuro, explorar estas exceções e analisar a relação texto e imagem em exemplos como este.

No *Orto*, a passagem sobre a pantera surge no Livro IV, Capítulo XXI, por entre reflexões sobre os odores das coisas naturais – das coisas do mundo, e sobre os odores das coisas sobrenaturais – das coisas espirituais. O Livro IV, o último e mais extenso Livro do *Orto*, concentra as reflexões sobre a vaidade das coisas humanas, de acordo com a divisão temática estabelecida pelo P^e. Mário Martins⁸⁴. É neste contexto que o autor do *Orto* avisa o leitor: “E por em tu, homem, nom cures dos odores das cousas corporaes, ca mais te compre de te deleitares e fartares dos odores dos sanctos. E quanto mais desprezares os odores naturaes, tanto mais crecerás e sobirás pera receberes os odores naturaes e sobrenaturaes.”⁸⁵. O caminho de ascese espiritual faz-se no desprezo pelos bons odores do que é corporal, do mundo, e na adoração dos odores que estão acima, os sobrenaturais. Destes últimos, o autor do *Orto* dá-nos vários exemplos nas pequenas narrativas que se seguem à introdução sobre os cheiros, a que brevemente nos referimos. Menciona o odor de santidade de São Maximiano⁸⁶ ou Santo Elói⁸⁷ que, apesar de “tanta avondança de odor mui blando”⁸⁸, não pode ser comparado ao da Virgem Maria, e menos ainda ao de Jesus Cristo⁸⁹. Relembra o monge que o homem deve seguir o bom odor de Cristo⁹⁰, “assi como fazem as animalias que seguem ãa besta que chamam pantera”⁹¹, podendo antever-se que, no “falamento” que o autor apresenta de seguida, a pantera é figura de Cristo. “Pantera é ãa animalia que tem a pele de muitas cores fremosas e esplandecentes, em tal guisa que parece toda chea de olhos.”⁹², assim se inicia a secção sobre este animal no *Orto*. Este início é inusitado em certa medida: não há nada na variedade de cores da pele da pantera que leve a que esta pareça estar coberta de olhos. O autor do *Orto* não incluiu no seu texto a referência às pintas na pele da pantera, que simulam pequenos olhos, referência que está presente nas obras de Plínio, Isidoro ou Bartolomeu Ânglico. Depois de comer, a pantera esconde-se dentro de uma cova, onde dorme durante três dias⁹³. Quando acorda “(...) dá vozes e da sua boca sae ãu mui nobre odor, entanto que pelo seu boo

84 Mário Martins, “Um tratado medievo-português do Nome de Jesus”, Sep. *Brotéria*, Vol. L (Porto, Tip. Porto Médico, 1950), 5.

85 Hélder Godinho (coord.), Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo* (Lisboa: Colibri, 2008), 154.

86 *Ibidem*.

87 *Idem*, 155.

88 *Idem*, 154-155.

89 *Idem*, 155.

90 *Idem*, 156.

91 *Ibidem*.

92 *Ibidem*.

93 *Ibidem*.

odor se juntam a ela todas as animalias”⁹⁴. À semelhança do *Physiologus* ou do texto do bestiário Bodley 764, o autor do *Orto do Esposo* refere que o dragão, ao ouvir a voz da pantera, “foge com espanto e mete-se em na caverna da terra e nom pode sofrer o odor dela, mas fica tolheito com ele ca ele tem por peçonha aquele boo odor da pantera.”⁹⁵. Neste Capítulo XXI, em que as palavras do profeta Isaías são várias vezes citadas⁹⁶, recorde-se a seguinte passagem bíblica: “Refugiiai-vos na caverna dos rochedos e nos antros da terra, para escapardes à vista terrível do Senhor, ao esplendor da sua majestade, quando Ele se levantar para abalar a terra.”⁹⁷. O Senhor fará estremecer a terra, acabará com a soberba e a arrogância⁹⁸ e o povo de Israel Dele deve refugiar-se⁹⁹. Também a pantera com a sua resplandecência afugenta o dragão, que se esconde debaixo da terra para evitar a Palavra e o bom odor de Cristo: “(...) o diaboo que é dragom mui cruel e os seus semelhantes fogem do odor de Jhesu Christo e o desamom, mais as almas fiees o amam e correm depos ele e o seguem”¹⁰⁰. O autor do *Orto* termina este Capítulo retomando o tema expresso inicialmente: a renúncia aos odores das coisas do mundo e a elevação aos odores das coisas espirituais. Adverte o monge: “(...) nom se deve o homem gloriar por haver o sentido do cheiro são e forte nem os outros sintidos corporaes, pois que lhe som mais danosos que proveitosos e ha i tantos proveitos na perda deles.”¹⁰¹. O corpo e os seus sentidos devem ser desprezados para que a alma consiga aceder aos bens espirituais, sendo este um *topos* que vemos presente, de forma geral, na doutrina cristã. “Menosprezar a materialidade e a aparência em favor da entrega despojada a Deus, numa conquista de valores eternos que ultrapassam a vaidade, a beleza e o cuidado com o *carneum animae ergastulum* são regras basilares para a elevação espiritual”, lembra Marisa Henriques no seu artigo sobre “Os físicos e a medicina da alma no *Orto do Esposo*”¹⁰². O movimento ascético só é possível tendo por base uma negação, um desprezo pelo corpo, essa prisão da alma que conduz ao Inferno aqueles que o não menosprezam, e acabam num “vaso infernal

94 *Ibidem*.

95 *Ibidem*.

96 *Idem*, 154-155.

97 1 Is 2:19. Segue-se a edição da *Nova Bíblia dos Capuchinhos*, (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 1999).

98 1 Is 2:11, 2:17.

99 1 Is 2:10.

100 Hélder Godinho (coord.), Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo* (Lisboa: Colibri, 2008), 157.

101 *Idem*, 158.

102 Marisa das Neves Henriques, “Os físicos e a medicina da alma no *Orto do Esposo*”, *Medievalista* [Online], 15 (2014).
<https://doi.org/10.4000/medievalista.275>.

cheo de fedor de exufre”¹⁰³, que se opõe aos odores “(...) de lílios e de rosas e de cinamomo e de balsamo e das outras cousas de boo odor”¹⁰⁴.

Será interessante notar que, se Michael Curley (tradutor da edição de Carmody do *Physiologus*¹⁰⁵) aponta como responsáveis pela difusão de histórias sobre animais – algumas com origem no *Physiologus*¹⁰⁶ – nomes como Isidoro de Sevilha, Pseudo-Hugo de São Vítor ou Alberto Magno¹⁰⁷, também o autor anónimo do *Orto* contribui para a divulgação das histórias do *Physiologus* (mesmo que mediadas por Bartolomeu Ânglico), a que se refere como um filósofo: “(...) segundo conta o filosofo que chamam Fisiolago”¹⁰⁸. Numa escala temporal, o *Physiologus* é a primeira das fontes seleccionadas a apresentar uma pantera cristológica, associando o aspecto variegado da pele do animal à diversidade da sabedoria e amor divinos¹⁰⁹, ou a descrição dos animais que seguem a sua voz doce à humanidade que segue Jesus Cristo, a verdadeira pantera¹¹⁰. Todas as citações bíblicas presentes na secção da pantera de Bodley 764 estão também no texto correspondente do *Physiologus*, o que indica a explícita influência do texto do *Physiologus* no bestiário. Aliás, uma vez que o tradutor da edição inglesa do bestiário Bodley 764 optou por traduzir “Phisiologus” por “Natural historians”, a frase sobre a inimizade da pantera e do leão surge da seguinte forma: “Natural historians say that his only enemy is the dragon”¹¹¹. No entanto, no texto original pode ler-se: “Phisiologus dicit de eo q[uonia]m inimicum habet solum draconem”¹¹², estando assim expressa a ligação directa ao *Physiologus*. A referência à pantera que acorda do sono ao terceiro dia é, das fontes que aqui se consideram, iniciada com o *Physiologus*: “If, however, he has eaten and is satisfied, he falls asleep immediately in his lair and arises from his sleep on the third day (like our Savior)”¹¹³. Esta referência está ausente das *Etimologias* de Isidoro, por exemplo, mas está presente

103 Hélder Godinho (coord.), Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo* (Lisboa: Colibri, 2008), 154.

104 *Idem*, 155.

105 Michael J. Curley, *Physiologus – A Medieval Book of Nature Lore*, (Chicago: University of Chicago Press, 1979).

106 *Idem*, 30.

107 *Ibidem*.

108 Hélder Godinho (coord.), Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo* (Lisboa: Colibri, 2008), 291.

109 Cf. Michael J. Curley, *Physiologus – A Medieval Book of Nature Lore*, (Chicago: University of Chicago Press, 1979), 42.

110 *Idem*, 42.

111 Richard Barber, *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764*, (Woodbridge: The Boydell Press, 1992), 30.

112 Digital Bodleian, MS. Bodl. 764, Bodleian Library, University of Oxford, <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/e6ad6426-6ff5-4c33-a078-ca518b36ca49/surfaces/b06d4b14-fd75-418f-8076-d3bce78f1bc1/>

113 Michael J. Curley, *Physiologus – A Medieval Book of Nature Lore*, (Chicago: University of Chicago Press, 1979), 42.

no texto de Bodley 764: “After three days he rouses himself from sleep”¹¹⁴, sendo depois recuperada numa comparação à ressurreição: “He falls asleep and rests in the grave, and descends to the underworld, where He chains the great dragon. On the third day He rises from sleep (...)”¹¹⁵, havendo ainda uma referência ao dragão, isto é, o diabo. Será proveitoso explorar estas relações de continuidade e de descontinuidade entre as diversas fontes: prevê-se que, uma vez que o trabalho de edição das secções de texto seleccionadas esteja concluído, o estabelecer de ligações se torne mais acessível.

8. Anexos



Figura 1 — A pantera emana o seu hálito doce para todos os animais. Só o dragão se esconde, com pavor, debaixo da terra. Bodleian Library MS. *Bodl.* 764. Pormenor de fl. 7v.

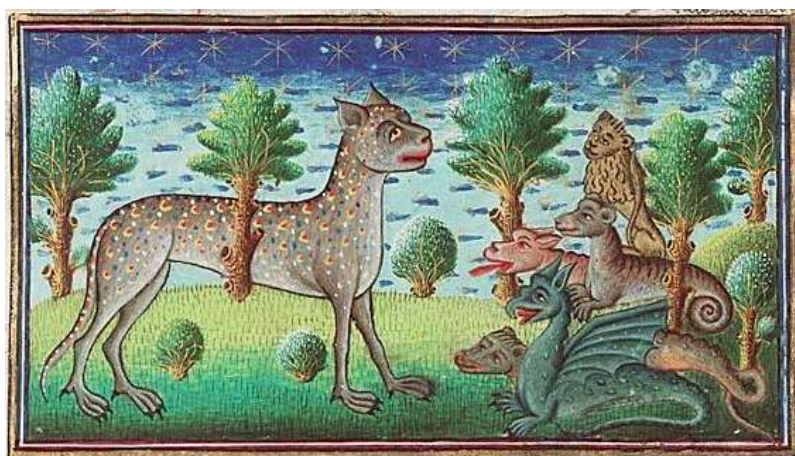


Figura 2 — A pantera atrai todos os animais, incluindo o dragão, a serpente alada. The Hague, RMMW, 10 B 25. Pormenor de fl. 3r. Koninklijke Bibliotheek, *National Library of the Netherlands*.

114 Richard Barber, *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford M. S. Bodley 764*, (Woodbridge: The Boydell Press, 1992), 30.

115 *Ibidem*, 31.

Este livro foi composto pelo Grupo Informal de História Medieval
em caracteres *Palatino Linotype*, inspirados no trabalho do
calígrafo e copista italiano Giambattista Palatino,
que trabalhou na Itália do século XVI.
Publicou-se no mês de Setembro
do ano de dois mil e
vinte e quatro.

